

Cadernos de Tradução
Instituto de Letras

Cadernos de Tradução
Instituto de Letras

Nº 5 – Janeiro de 1999

UFPR
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

APRESENTAÇÃO

O presente número dos *Cadernos de Tradução* nasceu da preocupação de preencher um “abismo”. Refiro-me às barreiras com as quais nos deparamos, nas atividades de ensino e pesquisa da Universidade, quando buscamos o entrelaçamento entre o conhecimento adquirido e a sua transmissão a um público receptor, entre a pesquisa e a formação de pesquisadores novos, a tradição e a inovação. Tais barreiras manifestam-se especialmente no momento de organizar a bibliografia de um curso, quando o desconhecimento da língua (por exemplo, o alemão) obriga a uma série de cortes que, certamente, vão interferir no próprio resultado da análise. Mas não só isso. Também em termos do desenvolvimento de uma área do conhecimento, verificam-se os efeitos inibidores desse “abismo”: por exemplo, para a história da lingüística e de disciplinas como a geolingüística e a dialetologia, não é raro traçar um quadro parcial e injusto, seja porque o autor se especializou apenas em determinada escola de determinado país, seja porque não teve acesso à literatura de determinada linha devido ao seu desconhecimento da outra língua.

Neste sentido, é extremamente louvável o papel que assumem os *Cadernos de Tradução* publicados no Instituto de Letras da UFRGS. O seu êxito comprova que a preocupação acima, a qual já motivou o n.º 5, não é um fato isolado. Para mim, que encaminhou a sua formação em duas áreas paralelas como a germanística e a romanística, esta dimensão é ainda mais visível, e o abismo nenhum exagero. É verdade que – seguindo a mesma metáfora – buscamos pelo menos estreitar o diâmetro do abismo, intensificando o intercâmbio acadêmico em nosso Instituto, como uma frente complementar valiosíssima no desenvolvimento da área de Letras.

Os três textos reunidos aqui são, assim, fruto de uma prática de intercâmbio que já vem de algum tempo. Günter Bellmann, da Johannes Gutenberg-Universität de Mainz (Alemanha), esteve na “casa” em 1992, na condição de pesquisador-convidado, quando também visitou comunidades bilíngües no interior do Estado, com vistas à orientação da minha Tese de Doutorado sobre o “Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul”. Dialetólogo e germanista reconhecido, Günter Bellmann é autor de várias obras, entre as quais o *Atlas Lingüístico da Silésia* e o *Atlas Lingüístico da Renânia Central*, que coordena atualmente. Seu artigo, “Arealidade e socialidade?”, exemplifica as tendências atuais que levaram a uma evolução da dialetologia tradicional, antes essencialmente diatópica (geolingüística), para uma dialetologia bidimensional que incorpora a verticalidade, tipicamente estudada pela sociolingüística. Este princípio, recuperado por Bellmann na história da própria disciplina, irá promover, digamos, o “casamento” de duas áreas que andavam circunstancialmente em caminhos separados.

Harald Thun, da Christian-Albrechts-Universität de Kiel (antes Mainz), pode-se dizer que amplia o escopo da bidimensionalidade, lançando as bases da *dialetologia pluridimensional*. E é com esta denominação que se vem estabele-

cendo essa (nova) linha de estudos. Seu artigo, escrito em co-autoria com Edgar Radtke (Universidade de Heidelberg), faz um balanço da situação dos estudos pluridimensionais na perspectiva da romanística. O texto sintetiza as tendências mais recentes apresentadas no Simpósio sobre os "Novos Caminhos da Geolinguística Românica", realizado em Heidelberg em outubro de 1991. Harald Thun é um nome já conhecido da lingüística no Brasil, e seus projetos evidenciam o esforço de desenvolver uma ciência ampla da variação lingüística. Como coordenador, juntamente com Adolfo Elizaincín, do *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), mantém um intercâmbio especialmente intenso com o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), cuja área de estudos é vizinha e, portanto, contínua à do Uruguai. Atualmente, também desenvolve, em parceria com Wolf Dietrich e Almidio Aquino, o *Atlas Lingüístico Guaraní-Românico* (ALGR), do qual trata o último artigo deste número dos *Cadernos de Tradução*.

Enfim, podemos ver nos três textos selecionados uma relação temática em torno da área da dialetologia pluridimensional. Creio que, com isso, se está dando uma contribuição, se não para preencher um abismo inteiro, pelo menos para dar mais visibilidade aos novos horizontes que se vêm delineando nesta mesma área. Vale ressaltar, ainda, o próprio exercício da tradução como um exercício crítico do aparato teórico-metodológico e das condições de difusão da disciplina. Assim, tanto o primeiro texto, traduzido por Cristiani Wortmann Gross (sob a orientação de Érica Schultz), como o segundo, traduzido conjuntamente por Minka Pickbrenner e Rita Dolores Wolf, podem ser vistos como instrumentos de pesquisa no sentido da aproximação entre duas áreas importantes como o são a germanística e a romanística.

Cléo Vilson Altenhofen
Organizador

Arealidade e socialidade?¹

Günter Bellmann²

Tradução: Cristiani Wortmann Gross³

Revisão: Erica Schultz e Cléo Vilson Altenhofen⁴

1 REFLEXÕES PRÉVIAS PARA UMA GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA BIDIMENSIONAL

Ambas, arealidade e socialidade, parecem ser simplesmente características da língua natural, portanto universais. No alemão, ao qual vou me deter aqui, essas características não deixam de aparecer também na língua padrão ou pelo menos não completamente. No entanto, elas se realizam de modo especialmente caracterizador no subpadrão falado, nomeadamente no seu âmbito inferior, que se designa usualmente como *dialeto*.

Por arealidade deve-se entender um traço que se relaciona com as características de distribuição, no espaço, dos recursos lingüísticos de uma língua isolada, ou de um dialeto de uma língua isolada, e que, em conseqüência, serve de auxílio para fazer afirmações sobre áreas parciais específicas para os recursos lingüísticos, quer dizer, sobre restrições da validade e da ocorrência, as quais são atestadas no plano horizontal: ale. *Samstag* ("sábado") tem o traço <+areal> devido a *Sonnabend* e *Saterdag*, com os quais ele se divide no espaço lingüístico do alemão. O traço comum <+areal> precisa ser sub-especificado para o caso particular, por exemplo como <+areal: alemão-superior (*oberdt.*)>. Uma expressão com o traço <-areal> pode ser aplicada sem restrições para toda a área lingüística. Seria uma tautologia falar da arealidade dos dialetos. Apesar disso, é comum falar-se de dialetos de área extensa ou de área restrita. (Em lugar de *arealidade*, usa-se também o termo *diatopia*. Sendo assim, o grego *tópos* deveria no entanto ser compreendido em um sentido mais amplo, como uma caracterização geral conforme a localização, e não como tal que se define segundo a localidade isolada, a fim de com isso fazer justiça à **deslocalização** [*Entlokalisierung*] dos dialetos de base, a qual se encontra já em estágio avançado.)

¹ N.T.: Agradecemos ao autor, Günter Bellmann, e a Harald Thun, como editor, a autorização para traduzir este texto, publicado originalmente in: RADTKE, Edgar / THUN, Harald [eds.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 50-77. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

² Johannes Gutenberg-Universität de Mainz (Alemanha). Atualmente, coordenador do *Mittelrheinischer Sprachatlas - MrhSA* ("Atlas Lingüístico da Renânia Central").

³ Instituto de Letras - UFRGS.

⁴ Instituto de Letras - UFRGS.